

F
320.981
V614
CAR
EX2

LUIZ VIANA FILHO

ONZE ANOS DE RENOVAÇÃO E PROGRESSO

*Discurso pronunciado pelo Senador
LUIZ VIANA FILHO durante a reu-
nião solene do Diretório Nacional da
Aliança Renovadora Nacional, co-
memorativa do 11º aniversário da
Revolução de 31 de Março de 1964.*

BRASÍLIA — DF

31-3-1975

LUIZ VIANA FILHO

**ONZE ANOS DE
RENOVAÇÃO E PROGRESSO**

*Discurso pronunciado pelo Senador
LUIZ VIANA FILHO durante a reu-
nião solene do Diretório Nacional da
Aliança Renovadora Nacional, co-
memorativa do 11º aniversário da
Revolução de 31 de Março de 1964.*

BRASÍLIA — DF

31-3-1975



Ao nos reunirmos para celebrar, o décimo-primeiro aniversário da Revolução de 1964, quis Vossa Excelência, Senhor Presidente, me coubesse a honra de externar os sentimentos do nosso Partido. Indissolavelmente vinculados ao movimento revolucionário, que redimiu o Brasil, conduzindo-o à prosperidade, à segurança e à honra, sentimo-nos orgulhosos e jubilosos. Orgulhosos por integrarmos a Aliança Renovadora Nacional, que o inesquecível Presidente Castello Branco chamou "a grande força política da Revolução no Brasil". Jubilosos por constatarmos que em período tão exíguo logrou a Revolução transformar profundamente o Brasil, proporcionando-lhe as bases de uma nação poderosa.

Oportuno, Senhor Presidente, tão fraca costuma ser a memória das coletividades, lembrarmos, embora da maneira mais sucinta, não apenas as causas que levaram as Forças Armadas a "violentarem-se a si mesmas, em sua básica formação disciplinar e hierárquica", para se unirem à caudal que, nas horas dramáticas e decisivas de março de 1964, exprimiu o que havia de mais puro, de mais abnegado e patriótico no cerne da nacionalidade, mas também quanto já feito para a grandeza do Brasil e o bem-estar do seu povo. É preciso dizê-lo para conhecimento das gerações mais novas, daquelas que estão a passar da adolescência para a juventude, e que tiveram a ventura de não conhecer aqueles dias turvos. Elas quase nada sabem dos perigos que ameaçaram destruir o Brasil, afundando-o definitivamente na corrupção e na subversão. Elas ignoram o que foi a agonia daqueles que já desesperavam assistindo o País se tornar cada vez mais a presa de um plano destinado a quebrar-lhe todas as resistências, para, em seguida, garrotear-lhe as liberdades e roubar-lhe a soberania. Elas desconhecem o que foi aquele

período doloroso no qual uma inflação galopante feria de morte a economia, estagnando-a irremissivelmente. A inflação sacrificava o presente e a estagnação comprometia o futuro, ao mesmo tempo que o caos social e a indisciplina buscavam oprimir e atemorizar quantos ainda sonhavam salvar o Brasil, evitando que a anarquia crescente varresse da nossa terra tudo aquilo que é a razão mesma de vivermos.

Em verdade, somente os que participaram daquelas inquietações, sofrimentos e desesperos podem avaliar em todo o seu esplendor o que significou a aurora do 31 de março de 1964, quando, despontando e iluminando os horizontes da Pátria, o sol da Revolução reacendeu esperanças quase perdidas. Bem hajam, pois, aqueles, militares e civis, que, enfrentando todos os riscos, se deram as mãos para que este solo bendito continuasse palmilhado por um povo bom e generoso, e do qual a fraternidade continuará a ser a marca mais bela e mais profunda.

Onze anos já se passaram após aquele momento de claridade. Onze anos volveram depois daquele dia glorioso, no qual a Nação acorreu ao chamado dos seus líderes e dos seus chefes para que, inspirada nos ideais da democracia, retomasse os caminhos do desenvolvimento e da segurança. E se estendemos as vistas sobre o caminho percorrido, nele encontramos reiterados testemunhos da magnitude da obra realizada pela Revolução. Na história do mundo contemporâneo não existe, certamente, exemplo maior de recuperação de um país. Em pouco mais de uma década demos tão vigorosa demonstração de prosperidade que entenderam alguns tê-la como milagrosa, tão difícil era imaginá-la como fruto do trabalho e da capacidade dos homens. Na realidade representou a colheita da semente arduamente iniciada nos primeiros tempos da Revolução. Nem houve setor da vida nacional em que ela, com determinação inflexível, por vezes pedindo aos brasileiros duros sacrifícios, não lançasse sementes das quais já vemos desabrochar o perfil de uma grande nação. A grande nação que se afirmará cada vez mais, na

medida em que, sob a vigilante liderança do Presidente Ernesto Geisel, se efetivar o II Plano Nacional de Desenvolvimento.

Devemos, porém, reconhecer que alcançar o limiar desse desenvolvimento custou alto preço aos brasileiros, cuja capacidade de poupança situava-se abaixo dos reclamos de uma obra ciclópica como a da Revolução nestes onze anos extraordinários. Aos recursos externos limitados tivemos de somar o sacrifício de grandes parcelas do povo, que se sentirá orgulhoso ao saber e poder dizê-lo que a grandeza do amanhã está sendo edificada com o suor das modestas gerações de hoje. Enganam-se os que imaginam ser o povo insensível a esses aspectos patrióticos, que o elevam e enobrecem. Longe disso os brasileiros, sem qualquer distinção de fortuna, de condição social, ou religião, estão conscientes de que uma grande nação somente poderá ser construída pelo penoso labor dos seus filhos. Graças, aliás, a esse árduo trabalho e à riqueza por ele produzida tem sido possível atender cada vez com maior amplitude as aspirações do povo, especialmente as da juventude brasileira. Comparado com 1964, oito vezes mais estudantes, freqüentam o ensino universitário, que já recebe hoje cerca de um milhão de jovens. E dezoito milhões de crianças estão nos bancos escolares, habilitando-se para alcançarem melhores condições de vida. Tudo a mostrar o crescente empenho da Revolução em tornar o homem o grande beneficiário da obra revolucionária. Quanto se faz não passa de meios para proporcionar ao homem maior bem-estar. Direi mesmo que em nenhum período da nossa História estiveram os Governos mais dedicados em propiciar ao povo melhores condições de vida.

Preocupação tanto maior quanto mais fracos e necessitados aqueles que buscam amparar, seja nas cidades, seja nos campos. Por isso mesmo, embora nos orgulhemos do que já fez a Revolução em setores fundamentais da economia, como ocorre em relação à energia, à siderurgia, à construção naval, à petroquímica, e à mineração, o que desejamos lembrar aqui

é a obra extraordinária da Revolução em favor dos que trabalham. Muito se falou antes no Brasil em trabalhismo e amparo ao trabalhador. Ninguém ignora, porém, que até 1964 os Institutos de Previdência, salvo raras exceções, não passavam de núcleos do mais desenfreado empreguismo, corrupção, e até subversão. Do que menos se cuidava era do trabalhador. Basta dizer-se que, verificada a unificação da Previdência, em 1967, o número de segurados e beneficiários triplicou, elevando-se aqueles de cinco para quinze milhões, e estes de quinze para quarenta e cinco milhões. Entre 1967 e 1974 as consultas médicas e os atendimentos em ambulatório aumentaram, respectivamente, de sete para quarenta e dois milhões, e de sete para cinquenta e quatro milhões. Haverá números mais eloqüentes para se sentir o clamoroso abandono em que se encontrava o trabalhador urbano brasileiro? E que dizer do trabalhador rural? Este era literalmente o pária da nossa sociedade. Não tinha e não conhecia qualquer direito, qualquer proteção, qualquer assistência. Permanecia aquele mesmo Jeca Tatu de Monteiro Lobato que Rui Barbosa imortalizaria. Foi necessário que viesse a Revolução e criasse o FUNRURAL para que onze milhões — sim, onze milhões! — de párias se tornassem segurados, e pudessem contar com assistência e aposentadoria, benefícios que, em 1971, na gestão de eminente Presidente Médici, se completariam com a legislação conhecida como o PRORURAL.

A cada passo o que tem feito a Revolução é amparar e melhorar a situação dos trabalhadores. As aposentadorias foram retificadas, e, somente em 1967, oitenta mil benefícios em atraso vieram a ser corrigidos. Da assistência médica passou-se, e isso ainda no Governo Castello Branco, à assistência farmacêutica, que, no Governo do Presidente Médici, se ampliaria com a criação da Central de Medicamentos. E assistência médica foi dada aos filiados à Previdência Social após os sessenta anos de idade. Não param, porém, aí os benefícios outorgados aos trabalhadores. À mulher, para que tivesse igualdade de condições no mercado de

trabalho, foi dado o salário-maternidade a cargo da Previdência Social, e não do empregador.

Também não deve ser esquecido o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, congregando hoje 93% dos trabalhadores urbanos, que, num montante de quatorze milhões, dispõem de contas bancárias com juros e correção monetária. E que dizer da correção estabelecida para os salários em atraso e para as reclamações trabalhistas, que deixaram assim de ser instrumento de ganância e injustiças? Que dizer do PIS e do PASEP, ambos representando a participação dos empregados nos lucros das empresas?

Não poderia ser maior a relação dos benefícios que a Revolução tem proporcionado aos trabalhadores, cujas contribuições deixaram de ser dilapidadas para lhes assegurar a assistência e a segurança a que tinham e têm direito. Mas, nem por isso considera a Revolução já cumpridos os seus deveres em relação aos que estão construindo a grandeza do Brasil. Em breve deverá o Congresso votar as mensagens do Presidente Geisel sobre a contagem recíproca de tempo de serviço, e sobre a supressão do desconto de 5% sobre as aposentadorias. Tudo, portanto, a demonstrar o empenho reiterado e permanente da Revolução em proporcionar ao trabalhador brasileiro o apoio de que necessita. Não é a política das promessas, nem dos enganos, mas a política das inovações e realizações. E é em nome dessa política que continuaremos a pedir o apoio dos trabalhadores para os Governos da Revolução, o que vale dizer o apoio dos trabalhadores para a Aliança Renovadora Nacional, o Partido da Revolução.

Objetivo permanente dos três primeiros Governos da Revolução tem sido preparar melhores condições de vida para quantos devem ser defendidos e amparados. Contudo, premiados por circunstâncias irremovíveis e de vária ordem, tiveram eles de despender especial atenção a outros setores da vida nacional, para lançarem os alicerces de uma sociedade próspera e estável. Em verdade, houve que cuidar preferencial-

mente da economia, que se deteriorara gravemente, cuja recuperação era fundamental para qualquer obra de cunho social.

Hoje, vencidas essas etapas iniciais da Revolução, nova filosofia inspira a ação governamental. Refiro-me à doutrina humanista do desenvolvimento integrado preconizada pelo Presidente Geisel, e que permitirá que ao sensível desenvolvimento econômico acompanhe equivalente avanço no campo político e social. Quanto a este último já numerosas e marcantes são as iniciativas e inovações, especialmente em favor daquelas camadas mais desprotegidas da sociedade. Diria mesmo que a atual Administração se caracteriza pela constante preocupação de beneficiar os mais pobres, ou seja, aqueles realmente mais carentes de ser defendidos pelo Governo.

De fato, desde a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social, em tão boa hora confiado à capacidade renovadora do Ministro Nascimento e Silva, até a instituição do Conselho de Desenvolvimento Social, uma sucessão de iniciativas assinala a ação do Presidente Ernesto Geisel para o melhor atendimento de tão importante setor da vida nacional. Uma nova política salarial, que se traduz em atualizados critérios de cálculo do salário, permitindo realistas reajustamentos no ano em curso, e a desvinculação do salário mínimo de outros valores, que mostram com evidência o intuito de melhoria salarial. Também, a reformulação dos esquemas do Banco Nacional da Habitação, com redução de juros, aumento de prazos e concessão de incentivos fiscais, e uma acelerada tendência para a universalização da Previdência Social, revelam a preocupação do Governo em atribuir aos trabalhadores maior participação na distribuição do enriquecimento nacional. Assim, da fase em que foi necessário enriquecer para posterior repartição do bolo, passamos para aquela em que, conforme enunciado pelo Presidente Geisel, iremos dividir o bolo enquanto ele cresce.

Basta, pois, o breve enunciado de tantas e tão grandes benemerências da Revolução de 1964, para se compreender o orgulho de quantos participam da Aliança Renovadora Nacional, integrando o grande movimento de renovação e restauração do Brasil. Poderia mesmo dizer que não há ARENA sem Revolução, do mesmo modo que dificilmente se conceberia a continuidade da Revolução sem a ARENA. Uma e outra se completam, solidárias na aspiração de servir ao País dentro de uma ordem política democrática. Permanecemos todos fiéis às inspirações das horas iniciais, quando civis e militares se davam as mãos para salvar a democracia. Não mudamos. Mas, se não mudamos também não esquecemos que, para subsistir, a democracia exige um mínimo de estabilidade política, um mínimo de ordem e segurança, que um excesso de pobreza, diria melhor de dificuldades de vida, expõe facilmente aos assaltos da demagogia. Se a preservação da ordem não deve ser pretexto para se protelar a boa prática da democracia, nem por isso devemos ignorar que a exporíamos aos imensos riscos de um retrocesso se a falta de medidas sociais capazes de identificarem o povo cada vez mais com a Revolução, a transformasse na porta aberta para a subversão. Daí a imperiosidade do gradual, mas seguro, aperfeiçoamento democrático anunciado pelo Presidente Geisel, e do qual a Nação, pelo que possui de mais representativo, não se deseja afastar. A cada passo a própria vida dos povos está a nos mostrar e a nos ensinar que a democracia reclama das sociedades, que a adotam como o meio mais adequado à boa convivência dos homens e à coexistência de concepções divergentes, certo grau de homogeneização sem o qual ocorre uma rutura social intolerável, e por isso mesmo freqüentemente evitada pela decretação da ilegalidade daqueles núcleos políticos cujo objetivo último é a própria morte da democracia e da liberdade.

Todos nós estamos conscientes de que se foram numerosos e penosos de vencer os obstáculos encontrados pela Revolução para repor o Brasil no caminho do desenvolvimento, ainda maiores são os que deverá enfrentar para alcançar

aquele ideal democrático de que se nutriu nas horas difíceis de março de 1964. Isto é, para os atingir sem prejuízo da finalidade precípua de fazermos do Brasil a grande nação na qual a liberdade e a democracia sejam os meios mais consentâneos à dignidade dos homens e ao equilíbrio social. Mas, se a tarefa é árdua e difícil, maiores as razões para que a ela nos dediquemos com determinação, certos de sobrepujarmos todos os tropeços. Fazendo-o, não somente estaremos atendendo à confiança do Presidente Geisel quanto à capacidade de nossa imaginação criadora, senão também correspondendo aos ideais do Presidente Castello Branco quando nos uniu e reuniu sob a bandeira da Aliança Renovadora Nacional, que ele quis como vigoroso instrumento político da Revolução. Nascemos, assim, sob o signo do Movimento de 31 de Março, e assim temos prosseguido através dos quatro Governos revolucionários. Conhecemos dias melhores e dias piores, mas o que jamais experimentamos foi negar a Revolução, que é a própria razão de existirmos.

Convocados para formarmos a grande força política da Revolução jamais desertamos desse grave dever, mesmo nas horas amargas dos reveses, inseparáveis da competição democrática. Se é verdade que as contingências nos levaram agir com a confiada displicência gerada de um emoliente comodismo, também é verdadeiro que o mundo político a que pertencemos nem sempre se viu cercado dos estímulos da confiança e do apoio que lhe são indispensáveis, e em boa hora renascidos das atenções e propósitos do Presidente Geisel. Dir-se-ia que o Brasil se propunha a ensinar ao mundo como gerir os negócios do Estado sem o apoio de uma estrutura política, e, portanto, sem a participação de políticos, possivelmente substituídos por técnicos, como se isso fora possível para as empreitadas de largo fôlego. Podem os técnicos plantar as couves da política, mas jamais lograrão lançar os carvalhos destinados a atravessar as gerações. Ou não saberemos que nem sistemas financeiros ou econômicos; nem planos de paz ou de guerra; nem as concepções militares ou diplomáticas conseguem subsistir senão apoiados em sólido

organismo político? Para sermos a base política da Revolução nos agramos na Aliança Renovadora Nacional. E aqui estamos como políticos e a serviço de uma política — a política da Revolução de 1964, que o Presidente Geisel bem chamou de "radiosa alvorada de fé cívica e convicções democráticas".

Falo da política no seu elevado, sentido e não da polícalha, pois, conforme Rui-Barbosa, elas, "não. se confundem, não se parecem, não. se relacionam.uma com,a outra". Falo pela política que "é a arte de gerir o Estado segundo sprincípios definidos,: regras morais, leis escritas, ou tradições respeitáveis". E é em nome dessa,alta política'que saudámos a Revolução pelo transcurso da gloriosa; data, prontos para servi-la na sua luta pela grandeza do Brasil. É como políticos, e políticos são .quantos têm a vocação ,da vida pública, que aqui estaremos para apoiar a obra grandiosa do Presidente Ernesto" Geisel. A política que nos fará auto-suficientes em petróleo; a política.que. elevará o nosso comércio exterior a 40 bilhões de dólares; a política, que nos proporcionará renda *per capita* superior a mil dólares, ao mesmo tempo em que buscará corrigir os gritantes desequilíbrios salariais. A política voltada para o desenvolvimento integrado, que fará o Brasil caminhar segura e gradualmente para a conquista da democracia.

Li há pouco esta admirável página póstuma do Presidente Pompidou sobre os políticos, e o que devem representar na vida de uma sociedade:

"A República deve ser a dos "políticos" no verdadeiro sentido da palavra, daqueles para quem os problemas humanos importam acima de tudo, aqueles que têm desses problemas um conhecimento concreto, nascido do contato com os homens, não de uma análise abstrata ou pseudocientífica do homem. E' conhecendo os homens, medindo suas dificuldades e suas necessidades imediatas, como eles os sentem ou tal como é por vezes mister saber discerni-los, que nos

tomamos capazes de governar, vale dizer, assegurar efetivamente a um povo o máximo de felicidade compativer.com as possibilidades nacionais e a conjuntura exterior."

Contudo, por melhores que sejam nossas intenções, por mais aguçada que seja a nossa sensibilidade, é condição essencial para continuarmos, como o desejaram todos os Presidentes depois de 1964, a "grande força política da Revolução" sabermos preservar a nossa união. Unidos poderemos ser invencíveis, e invencível será a Revolução. Divididos seremos um exército destroçado antes da batalha. Com a eloquência habitual, disse o General De Gaulle que desde a aurora da sua História as desgraças da França haviam sido proporcionais às suas divisões. Ao que acrescentou: "Mas jamais a fortuna traiu uma França unida." Não somente às nações ocorre que elas pereçam por causa das dissensões. Também aos partidos, às agremiações e coletividades sucede o mesmo. Estou bem certo de que, para melhor servir à Revolução, se manterá a ARENA unida, coesa, e, como tal, invencível. Unida e coesa como ela hoje aqui está, desvanecida é honrada pela presença do nosso mais eminente correligionário, a figura exemplar, íntegra, do Presidente Ernesto Geisel. Unida e coesa como ela aqui está, jubilosa e orgulhosa, para saudar a data memorável, que nos leva a recordar os antecessores do atual Presidente — os Presidentes Castello Branco, Costa e Silva e Garrastazu Médici —, que pela altura em que colocaram a Revolução, assegurando-lhe a patriótica continuidade, abriram os caminhos por onde o Brasil se tornará a grande democracia social e política, sonhada pelos idealistas de 31 de Março.

